



# IMPRESSÕES DE UM CAMINHO

Sobre o Caminho de Santiago de Compostela

A autora conta como foi sua trajetória na companhia de seu marido, pelos 800 km do Caminho Francês de Santiago de Compostela, levando o leitor a uma intensa viagem de reflexão, fé, persistência e transformação.

**Cláudia Maria Toscano Coelho**

# **IMPRESSÕES DE UM CAMINHO**

**Cláudia Maria Toscano Coelho Costa**

**Texto revisado por Carlos Augusto Bezerra Costa e Álvaro Gomes, segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.**

**Organização  
Cláudia Toscano – a autora**

**Maio/2016**

## **Sumário**

- 1. Sobre a autora**
- 2. Sentimentos**
- 3. A ideia**
- 4. A preparação**
- 5. A chegada em Madrid**
- 6. Os Pirineus**
- 7. Primeiro dia de caminhada**
- 8. Em Zubiri deixei as botas**
- 9. Pamplona**
- 10. Puente la Reina**
- 11. Puente la Reina a Estella**
- 12. Los Arcos**
- 13. Logroño**
- 14. Logroño – Nájera**
- 15. Santo Domingo de La Calzada**
- 16. Burgos**
- 17. As Mesetas**
- 18. León**
- 19. Villadangos del Páramo**
- 20. Astorga – Rabanal del Camino**
- 21. Molinaseca**
- 22. Molinaseca – Villafranca del Bierzo**
- 23. Vega de Valcarce**
- 24. Cebreiro**
- 25. Sarria**
- 26. Sarria – Portomarin**
- 27. Palas del Rei Arzúa**
- 28. O pedrouzo**
- 29. Santiago de Compostela**
- 30. Dicas para o Peregrino**

### **Sobre a autora**

Meu nome é Cláudia, também me chamam de Tosca, pelo meu sobrenome, Toscano. Sou Economista com Mestrado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco. A maior e melhor parte de minha trajetória de trabalho se deu no Tribunal Regional Eleitoral de Pernambuco, em Gestão de Pessoas, na Seção de Pagamento de Pessoal, mas também desenvolvo projetos na área de gestão de pessoas no Tribunal. O foco no ser humano é o que me dá mais prazer. Fora isso as viagens são meu mais prazeroso passatempo. Sou casada com Carlos Augusto, que eu chamo de Guto e sou mãe de Ana Carolina, Carol, uma filha maravilhosa!

Moro em Pernambuco, no município de Paudalho, bairro de Aldeia dos Camarás, bem próximo da Capital, Recife, minha cidade natal.

O gosto pela leitura, escrita, viagens e necessidade de compartilhar a emoção e a alegria que o Caminho de Santiago me proporcionou, fez-me escrever esse pequeno livro, ou melhor, minhas impressões do Caminho.

Dedico este trabalho a Guto, meu companheiro de todas as horas, e que embarca nos meus sonhos como se fossem seus. Parabéns meu amor pela sua determinação na sua mudança de vida!



3

## Sentimentos

Do que precisamos para ser feliz? Exibir felicidade hoje é quase uma obrigação imposta pela sociedade. Não basta apenas ser feliz por natureza, estar de bem com a vida, ter paz de espírito, estar com uma companhia agradável, não se sentir só, amar e ser amado, fazer o que gosta, estar na companhia de amigos, cuidar do outro e da natureza. É necessário ter algo para exibir nas redes sociais: uma roupa da moda ou de grife, uma joia, o carro do ano, a viagem dos sonhos, ser o melhor e mais sábio, ter sucesso...

Sempre buscamos a felicidade no ter ou no outro. Em hipótese alguma podemos ficar tristes, porque para nossa sociedade, a tristeza é sinônima de derrota, de infelicidade. Devemos sempre estar com sorriso aberto, mesmo que por dentro estejamos destroçados. Temos que ser uma pessoa de sucesso, porque o fracasso significa vergonha, impotência ou incompetência e não um sinal de sofrimento e de que é preciso mudança.

Não nascemos para ser bons em tudo que fazemos, nem tampouco precisamos ser exemplo de sucesso para alguém. Necessitamos apenas ser felizes! Sim, precisamos ter uma alma livre, leve, sem culpa, em paz e feliz. Esse é o caminho a ser seguido.

Muitas pessoas resolvem fazer o Caminho de Santiago por pura curiosidade de conhecer uma rota muito antiga, a qual Santiago, apóstolo de Jesus, percorreu, a fim de divulgar o evangelho. Outras acham que percorrer o Caminho é partilhar um pouco da fé de Santiago e ao mesmo tempo absorver e resgatar uma fé perdida em meio a tanta modernidade, imediatismo e individualismo. Outros, ainda, buscam o autoconhecimento, reflexão, espiritualidade, mudança de vida. E muitos fazem o Caminho por puro turismo cultural ou por acreditar que é necessário sofrer para se obter as graças divinas. Sim, o Caminho para uns é puro sofrimento, determinação, superação, fé.

Não importa o motivo que o levou a fazer o Caminho, o importante é atender ao chamado.

### A ideia.

Sempre amei viagens de aventura, trilhar o desconhecido, conhecer o nosso planeta, a natureza que nos envolve e sequer nos damos conta, no nosso dia a dia. O cantar dos pássaros, a diversidade dos animais, das flores e frutos, dos diferentes climas, vegetações, relevos, acidentes geográficos. E os povos que habitam essa Terra; cada um com traços distintos, moldados pela geografia, pelos costumes e alimentação, novas formas de comportamento, de atitude e de crença. A diversidade inerente a cada canto dessa Terra sempre me encantou.

Em 2010, eu e Guto, fizemos a trilha Inca. Assim como os Incas, que construíam para os Deuses, sempre nas montanhas mais altas, também sou atraída pelas montanhas. Depois da trilha Inca, passei a sonhar com uma aventura mais desafiadora. O Caminho de Santiago era desafiador pela longa distância a ser percorrida, seja a pé, de bicicleta ou a cavalo, e ao mesmo tempo é uma trilha com trechos difíceis de serem feitos. Atravessar os Pirineus era um grande sonho. Além do mais, havia uma história a ser conhecida e vivenciada. Mas até aí, fazer o Caminho era apenas pura necessidade cultural e histórica.

Há cinco anos, ao vir morar num reduto verde, próximo à cidade do Recife, em Pernambuco, chamado Aldeia dos Camarás, comecei a exercer a prática de pedalar em trilhas e isso se tornou a

nossa maior atividade de lazer. Até então, a ideia de fazer o Caminho ainda era um projeto muito longe de ser executado.

Há dois anos o meu marido adoeceu, chegando a passar 62 dias no hospital, dos quais 42 na UTI, escapando da morte por que talvez não fosse chegada a sua hora. Esse fato foi o ponto de partida para uma reflexão sobre como nossa vida é muito curta e passageira e o quanto é fundamental que aproveitemos o agora. É nossa obrigação aproveitar muito bem essa vida que nos foi presenteada, de maneira plena, porque a qualquer momento ela pode nos ser tirada. Fiquei me perguntando o que eu tinha feito pelos meus sonhos, pelo meu próximo, pela minha vida, além de conseguir um lugar ao sol, de ter uma profissão, um emprego que me sustentasse e mudasse o meu padrão de vida,... coisas apenas.

Completei em junho de 2015 cinquenta anos e pensei que era urgente realizar este sonho. Para graça dele e felicidade de todos, Guto ficou curado. Recuperou-se muito bem. Fazer o caminho de Santiago seria um estímulo, uma meta, um incentivo para ele voltar à atividade física, fazer dieta e se gostar mais. Acredito que as pessoas se maltratam, não se cuidam, não se preservam agem assim por falta de amor-próprio. Precisam de estímulos que lhes impulsionem para uma nova vida.

Assim, mesmo sem muito entusiasmo na viagem, mas querendo me acompanhar, Guto entrou no ritmo da aventura. Fez dieta, passou a cuidar de sua alimentação e ir em busca do bem-estar. Que felicidade!

Dizem que o Caminho nos chama. Confesso que isso não é pura magia, é verdade. A necessidade de fazer o Caminho de Santiago era urgente. Para mim, era como se fosse o começo de uma vida de liberdade. Passar um mês caminhando com apenas poucas coisas na mochila, como se andássemos sem rumo, ou rumo ao desconhecido, Santiago, deixando para trás tudo que nos afligiu um dia. Pura aventura, reflexão, fé. O que iríamos encontrar pela frente não fazíamos ideia. Deixemos o Caminho nos levar!

### **A preparação.**

Com um ano de antecedência, comecei a ler sobre o assunto em livros, em sites da internet, e cada dia me interessava mais pelo Caminho. Por mais que nos planejemos, ainda é pouco. Existem nas redes sociais sites variados e até cursos de como fazer o Caminho, o que levar, como montar sua mochila, etc. Algumas informações são importantes para orientar um marinheiro de primeira viagem, mas muitas delas são puro exagero. Não queria fazer um Caminho automático, como quem vai para uma guerra, munido de equipamentos, etc. Queria uma aventura e vivenciar momentos de reflexão, de conhecimento, de espiritualidade. Escolhi a rota francesa, a mais famosa e, dizem, a mais bonita. Contudo, o que me chamou atenção nessa rota foram os Pirineus. Nossa! Era um sonho atravessar os Pirineus a pé.

Munida das informações sobre o Caminho, fui aos poucos me equipando. Pensamos em fazer de bicicleta. Intensificamos nosso treinamento na academia e nas trilhas semanais. Aumentamos a distância percorrida no nosso treino de bicicleta, chegando a pedalar até 100 km em um dia. Estávamos entusiasmados, focados e ansiosos.

O grande dia foi chegando de mansinho e nos demos conta que faltava ainda muita coisa para organizar. Realmente é preciso sair do “mundo da lua” e cair na realidade. Uma viagem internacional, de um mês, precisa de mais pé no chão. Isso Guto tem de sobra, chega até a ser

“desmancha prazer”. Vive pensando em tudo que pode dar errado e nas adversidades que poderíamos encontrar no Caminho. Eu sempre respondia: homem de pouca fé! Vai dar tudo certo. Estaremos no Caminho de Santiago e ele estará conosco!

Depois de tanto pesquisar como levar uma bicicleta, desistimos, porque daria um trabalho imenso. Imaginem duas! E depois de realizarmos nossa aventura pensávamos em ficar em Madrid, curtir um pouco a cidade. As “bikes” poderiam atrapalhar nossa logística. Alguns ciclistas mais experientes carregam sua magrela para todo lugar. Não era o nosso caso. Pesquisamos então, como alugar, mas o preço do aluguel é o preço de uma bicicleta! Então resolvemos fazer uma parte do caminho a pé e outra parte menor, as Mesetas, de bicicleta alugada. Perfeito!

Para fazer o percurso, 800 km em duas modalidades, a pé e de bicicleta, teríamos que levar mais coisas, equipamentos, por exemplo. A coisa está se complicando... o que fazer? Desistimos do equipamento. Alugaremos quando for preciso. Ah! Escolhi o mês de maio por ser o início da primavera. Não estaria tão frio e também não teria tantos peregrinos no caminho; portanto os albergues não estariam tão cheios.

### **A chegada em Madrid**

Tudo ocorreu como planejado. Pegamos um voo Recife - São Paulo – Madrid. Doze horas de voo, sem contar a espera nos aeroportos. Chegando em Madrid, ficamos um pouco perdidos no aeroporto. Além de ser enorme, tem dois terminais interligados por um trem. O trem leva cerca de 15 minutos de um terminal para o outro. Reorientados no aeroporto, pegamos um trem para a estação Atocha, próxima do nosso alberque. Chegando em Atocha fomos direto procurar nosso albergue, The Cat's, muito bom, com exceção dos inúmeros jovens que se hospedam por lá. Já sabem, onde há jovens há muita bagunça e barulho então, custamos um pouco a dormir! Fica a dica: Procure um local menos badalado para ficar se você não gosta de agito.

No dia seguinte pegamos um trem para Pamplona e de lá tomamos um ônibus direto para Saint Jean Pied Port, na França, onde começa o Caminho Francês de Santiago de Compostela. Ebá! Tudo como planejamos. Perfeito!



## Os Pirineus

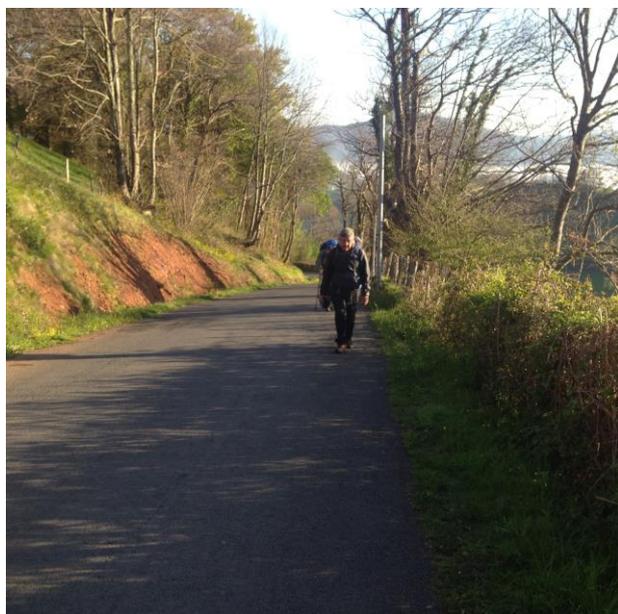
O ônibus que nos levou a Saint Jean Pied Port nos deu uma pequena demonstração do que iríamos enfrentar logo no início: Os Pirineus. Trata-se de uma cadeia de montanhas com mais de 1500 metros de altitude, com picos ainda nevados. O motorista do ônibus acelerava nas descidas e freava em cima das curvas. As curvas eram quase de 90 graus. Pensei: Esse motorista é um suicida e quer nos levar com ele. Estávamos nas duas primeiras cadeiras, colados no motorista. Eu fiquei calada para não assustar Guto e ele também, com o olhar fixo na direção. Logo abaixo de cada curva, um precipício. Acima de nós, a montanha cada vez mais alta, nos indicava o que estávamos para atravessar no dia seguinte.

Finalmente, chegamos. Reservei um albergue privado em Saint Jean, chamado Le Coquile de Napoleón. Esse albergue fica na rota do caminho. No meu fraco francês, perguntava a quem encontrava pela frente onde ficava La route de Napoleón, a rua do albergue. Eles me indicavam com muita gentileza, porém andamos rua acima, rua abaixo e não encontramos o tal albergue. Já eram 7 horas e pouca da tarde. Fazia frio e Guto começou a entrar em desespero: Vamos dormir ao relento! E nesse frio! E eu sempre dizendo: Calma Guto, Santiago vai nos enviar uma saída.

E ele nos enviou mesmo! Encontramos três homens, que eu os tinha visto no nosso ônibus. Saíram de uma ruela, que se fosse no Brasil não ousaríamos entrar, porque se trata de uma cidade medieval, com construções antigas, em pedra, e ruas muito estreitas. Então eu perguntei em Espanhol onde eles estavam hospedados e contei a história. Um deles disse que no albergue em que ele estava ainda tinha uma vaga, e nos levou até lá! Ficamos muito bem alojados em um quarto só para dois! Olhando para Guto, eu disse novamente: Eu não falei que Ia dar tudo certo? Imaginem com que cara ele estava! Nem me respondeu!

No dia seguinte, iniciamos nossa caminhada. E para nossa surpresa, passamos pelo albergue que eu tinha reservado. Estava bem perto de nós!

Quando estamos preocupados ou desesperados, não conseguimos enxergar o óbvio. É preciso calma, confiança e fé, para entendermos as coisas e acharmos uma solução.



## Primeiro dia de caminhada

Sáímos do nosso albergue às 6 horas ainda escuro e chovendo. O frio era o suficiente para dois nordestinos, pernambucanos, se esconderem debaixo de sete capas! As mãos geladas e escondidas em luvas; os pés... esses merecem um capítulo à parte! Mas nos agasalhamos bastante, inclusive com capa de chuva. À medida que o sol começava a aparecer, a chuva passava, mas o friozinho continuava persistindo em torno de 6 graus célsius. Imediatamente começamos nossa subida. O caminho de Santiago finalmente chegou! Minha felicidade era latente!

Muitos peregrinos saem quase ao mesmo tempo, cada um de seus alojamentos, albergues, hotéis, e se juntam na caminhada. “Buen camino”! Ouvimos toda hora quando passamos por outro peregrino. O espanhol é a língua oficial do caminho, mas para conversar geralmente o inglês é a língua oficial.

Os primeiros peregrinos com os quais fizemos contato, começando sempre com um “buenos días” ou um “buen camino”, foram alemães. Uma delas nos identificou como brasileiros e ficou muito feliz. Disse que tinha conhecido algumas cidades brasileiras como o Rio, Fortaleza e Belo Horizonte. Falou também que adorou nosso povo e nossa comida, é claro! E fez questão de dizer que sabia falar algumas palavras em português como, obrigado e bom dia! Sempre que passávamos por eles recebíamos um sorriso.

Outros se admiravam pela distância que era o Brasil e porque estávamos dispostos a chegar em Santiago em 30 dias! Comentavam também que este ano tinha muitos brasileiros na trilha! Mas encontramos gente de todas ou quase todas as nacionalidades. Os campeões são os espanhóis, alemães, franceses, mas caminhamos com austríacos, australianos, japoneses, coreanos, chineses, ingleses, americanos... é uma verdadeira babel! Temos a oportunidade de conhecer outras culturas, comportamentos, gostos, trocar experiências de vida, fazer amizades, etc. Encontramos também os primeiros ciclistas do dia. Ou melhor, dois ciclistas empurrando suas bicicletas. Realmente é muito difícil pedalar nos Pirineus, não só pela altitude, mas sobretudo pelo vento forte e as pedras no caminho.

À medida que subíamos a montanha, chamou-me atenção os diversos tons de verde manchados aqui e acolá por flores amarelas. Lindo! O caminho nem sempre é de fácil acesso. Encontramos muitas pedras, lama do derretimento do gelo e, lá no alto da montanha, gelo e muito vento. O vento nessa região é muito forte. Algumas vezes a entrada para os Pirineus é fechada para que os peregrinos não corram risco de morte.

Todos estavam alegres na trilha por estarem ali e isso me fez pensar que não estamos sozinhos nessa vida. Minha mãe sempre dizia: Nasci só e morro só! Coincidência ou não, aquelas pessoas que estavam ali, naquele local, naquela mesma hora, pensaram e se planejaram para estar ali naquela mesma ocasião. Pessoas que nunca se falaram, nem se conheciam, portanto, ninguém influenciou ninguém a fazer o caminho. Nunca tinha pensado nisso: Estamos interligados de alguma maneira que eu ainda não sei.

À medida que subíamos, ao longe e no alto observamos o gelo na montanha. Eu falei para Guto: Será que vamos passar por ali para chegar a Roncesvalles? Ele não acreditava nisso. Sempre dizia: Que nada, não vamos subir isso tudo!

Chegar ao topo dos Pirineus é uma sensação de poder! Finalmente, eu consegui. Mas o pior ainda estava por chegar. No alto tem uma estrutura de abrigo de montanha, com equipamentos de emergência, telefone para resgate em helicóptero e tudo mais. Toda subida tem uma descida. E

quando ela começou, eu também comecei a sentir seus efeitos. Muitas dores nos pés e no joelho direito. Na descida minha bota começou a apertar meus pés e meus dedos. Isso me obrigou a descer a montanha de costas.



No auge da dor, lembrei-me de um amigo de trabalho, Zauby. Fizemos juntos uma trilha em que ele descia a montanha de costas, porque isso aliviava o joelho. Então comecei minha descida de costas e realmente aliviava bastante, não só o joelho, mas, sobretudo, os pés. Os peregrinos que passavam por mim sempre perguntavam porque eu estava descendo dessa maneira e se eu estava precisando de ajuda... E eu sempre dizia que estava socorrendo meu joelho e meus dedos... Tiraram até uma foto minha!

Nosso plano era chegar a Roncesvalles, que ficava a 26 km, em sete horas. Levamos nove horas caminhando, porque a descida foi uma tortura para mim. Chegamos a Roncesvalles no final da tarde, com muito frio e o tempo nublado. Para minha surpresa, o albergue era num mosteiro medieval maravilhoso e com uma estrutura para receber centenas de peregrinos diariamente, de fazer inveja a qualquer hotel!





Esse albergue tem três andares, com um quarto em cada andar, com capacidade de mais de cem pessoas por quarto! É fantástico! Com elevador, lavanderia, aquecimento e camas confortáveis. Excelente para o primeiro dia! Pagamos dez euros por pessoa incluindo o jantar, que ficava num restaurante junto ao mosteiro. A quantidade de pessoas é muito grande, por isso o jantar tem hora marcada. Com direito a entrada, prato principal, sobremesa e uma garrafa de vinho de qualidade, que foi dispensado. Não bebemos!



## Em Zubiri deixei as botas!

Este é o nome do nosso próximo destino. Na verdade, iríamos tentar chegar a Larrasoaña, que fica a 27 km de Roncesvalles, mas as adversidades nos levaram a Zubiri.

O caminho de Roncesvalles a Zubiri é quase todo uma descida, com alguns trechos de subida, num total de 21,5 km. Meus pés estavam muito machucados pela bota e persistir com ela só pioravam minhas dores. Ao chegar a Zubiri, procuramos logo o albergue municipal e para nossa decepção, que só vimos quando fomos dormir, não tinha calefação e o frio estava muito intenso. Zubiri não tem muitas opções de hospedagem barata. A cidade é muito aberta e descampada. O vento é muito forte. Depois de jantar, fomos a um supermercado e compramos comida para levar na caminhada do dia seguinte, porque nem sempre teremos por perto uma cidade com restaurante onde comer. Então estabelecemos uma rotina: Todos os dias passávamos num supermercado para comprar comida, lanches e o café da manhã do dia seguinte, pois saíamos muito cedo e as cafeterias ainda estavam fechadas. Nesse dia fomos do supermercado para uma loja de sapatos. Não conseguiria andar com minhas botas. Comprei tênis para trilha e deixei as botas no albergue.



Andar com meu tênis novo não foi muito fácil também, porque os pés já estavam machucados e um sapato sem estar amaciado também não é muito indicado. Portanto, meu sofrimento aliviou um pouco, mas continuou até o final.

Ao sairmos de Zubiri no dia seguinte, ainda próximos da cidade, nas redondezas do vilarejo chamado Urdaitz, paramos para tomar nosso café da manhã. Em nossa direção se aproximava um senhor, que parecia ter acordado naquele momento, com uma mochila nas costas, olhando para nossa comida. Pensei: Deve ser um peregrino que não tomou seu café da manhã como nós e o convidei para se juntar. Era um canadense que, por não achar lugar nos albergues, dormiu na grama dentro de seu saco de dormir. Ainda bem que já era acostumado ao frio! Se fosse um de nós teria morrido!

Muitos peregrinos optam por ficar em Larrasoaña no albergue de San Nicolás, avançando um pouco na caminhada, cerca de 6 km, e ficar num lugar menos lotado. Essa era nossa meta inicial, mas eu não tinha condições de caminhar um pouco mais nesse dia.



## **Pamplona**

No dia seguinte, caminhamos em direção à Pamplona. De Zubiri a Pamplona são 22 km, num terreno praticamente plano. Linda cidade grande! Sempre caminhamos em direção à parte antiga das cidades. Pamplona, como todas as demais cidades importantes por que passamos, ainda conserva sua história. Todos os monumentos e tradições preservados.

Não ficamos no albergue municipal, que por sinal é muito bom. Ficamos num albergue situado num parque maravilhoso, de um casal de alemães, Amigos do Caminho, O lugar é lindo e

acolhedor. Porém pequeno. Quem chegar muito tarde, após as 15 horas não encontrará vaga.

Em Pamplona fomos conhecer a arena de touros e circular pela cidade. Como sempre a parte antiga é muito bonita, com suas igrejas, museus e bares que fecham ao meio dia e só abrem a partir das 17 horas, a famosa siesta. A noite é um verdadeiro burburinho nessa redondeza. Fantástico! Na Espanha, qualquer lugarejo respeita a siesta. Portanto, caso queira fazer compras ou se divertir, não saia no horário entre 12 às 17 horas. Tudo estará fechado.

No dia seguinte, andamos em direção à Puente la Reina. Ainda em Pamplona, paramos numa praça, para descansar, em frente a uma escola e a um conjunto de prédios residenciais. Um senhor se aproximou e começou a fazer perguntas, queria saber de onde nós vínhamos... conversou bastante conosco. Ele era um saudoso de Franco e dos tempos da ditadura. Conseguiu juntar dinheiro para que hoje tivesse um grande patrimônio e saiu falando da vida boa que levava...



### **Puente la Reina**

A distância entre Pamplona e Puente la Reina é de 24 km. Esse trecho tem uma grande subida, o Alto del Perdón, que chega a ter 770 metros de altitude. Chegar ao Alto del Perdón é fabuloso, mas para mim, com meus pés doloridos, a descida foi quase um martírio. Essa trilha é toda em seixos, dificultando a caminhada para quem não está muito bem. Lá no alto do morro encontramos o monumento ao peregrino e de quebra um vento forte e frio! Mas o lugar e a paisagem são belíssimos.



Andar de bicicleta por aqui só para os “tops”! Mas é possível! A partir de Pamplona o pedal se torna mais viável. Deus escreve certo por linhas tortas! Fazer o caminho de bicicleta seria outra história. Adoro pedalar, mas isso não permitiria sentir o caminho e percorrê-lo todo, porque nos trechos mais difíceis a bicicleta não passa. Os ciclistas fazem outro caminho, muitas vezes pelo asfalto. Encontramos muitos ciclistas pedalando no asfalto. Mas para quem gosta de bicicleta, o prazer é o próprio pedal! Vale!



### **Puente la Reina a Estella**

Esse trecho não exige muito esforço. Deixamos para trás uma cidade medieval que tem uma ponte românica. O que mais me chamou atenção no caminho foram estas construções antigas e preservadas! Coisa que não vemos muito aqui no Brasil, onde temos monumentos bem mais recentes, mas não preservamos nossa história.

Próximo a Estella, passamos por uma cidadela chamada Villatuerta. Paramos um pouco para lanchar e descansar. Era por volta do meio dia. A cidade estava vazia, ou melhor, as pessoas estavam fazendo a siesta. Apareceu um senhor de idade, acho que tinha uns 90 anos ou mais, e veio em nossa direção para conversar. Conversamos sobre a região, sobre o Brasil e estávamos bem na

frente da bica da cidade. Perguntei a ele se aquela água era potável. Ele respondeu: Estou com mais de 90 anos bebendo dela e ainda não morri. Fui obrigada a tomá-la, não dava pra recusar! Foi uma das poucas vezes que bebemos água da bica. Mas fiquem tranquilos, todos os peregrinos tomam dela e não morrem por isso, que eu saiba.

Ainda estamos no país Basco e toda sinalização é escrita em espanhol e em basco: Lizarra ou Estella. Nesse trecho não é necessário carregar muita comida para lanche. A cada cinco quilômetros passamos por vilarejos que possuem um mercadinho, uma cafeteria, farmácia... Tem estrutura suficiente. Não precisa carregar mais um peso na mochila. A água nós sempre comprávamos, mas todos bebiam das fontes de água potável existentes nessas cidades e abasteciam suas garrafas.



Encontramos no albergue cinco brasileiros, sendo dois baianos, um deles chamado Roberval, um sergipano e dois mineiros. Roberval, vendo meu sofrimento com meus pés, logo me receitou e me deu uma cartela de comprimidos para dor, que eu aceitei de imediato. Foi minha salvação. Descansei e dormi como uma pedra. O mineiro, João (da foto acima e à direita), estava também sofrendo com seus pés cheios de bolhas. Caminhamos juntos com esses brasileiros por várias cidades e por muitos dias. Sempre que chegávamos no albergue, João me pedia socorro com minha linha e agulha para furar as bolhas de seus pés.

O caminho é assim, cheio de encontros, solidariedade e acolhimento. Pessoas que nunca se viram ficam amigos e se ajudam.

### Los Arcos

No caminho para Los Arcos, enfrentamos uma subida considerável entre Azqueta e Villa Mayor de Monjardin. Esse pico tem 675 metros de altitude. Antes, vale a pena conhecer o Monastério de Irache. Mais adiante, próximo de Los Arcos, faltando apenas 5 km, enfrentamos uma descida de 200 metros de altitude. As subidas, atingíamos com facilidade, mas as descidas eram sempre muito dolorosas.



Chegando a Los Arcos, mais uma surpresa no albergue: dois jovens brasileiros e, por cima, pernambucanos de Recife, minha cidade natal. Sempre era uma alegria encontrar brasileiros. Nós fazemos a diferença na tagarelice, no tom de voz alto e na alegria!

Los Arcos é uma cidade pequena, porém muito simpática. Também antiga, com suas casas em pedras e uma catedral belíssima. Não se pode perder a missa aos peregrinos no final da tarde. Todos os peregrinos participam e se misturam às pessoas locais. Lindo! Aqui também comemos uma paella estupenda!

Muitos peregrinos optam por ficar em Sansol, avançando quase 7 km na caminhada em direção à Logroño. Mas Los Arcos é uma excelente opção.

## **Logroño**

Caminhar até Logroño não foi tão fácil. Encontramos muitas subidas e descidas, mas é um caminho muito bonito, com cidadelas de igrejas de grandes torres, riachos e pontes. Levamos um lanchinho considerável, bananas, laranjas, leite e sanduíches para percorrer 28 km. Para mim foi uma eternidade, pois meus pés sempre me faziam não esquecê-los. Logroño é uma cidade de porte médio, muito bonita e bem estruturada.

Melhor que chegar é sair da cidade percorrendo um parque maravilhoso. Neste parque encontramos uma figura que parecia mais um eremita, com uma longa barba e cabelos brancos, mas bem tratados e uma túnica como vestimenta. Trata-se de um espanhol chamado Marcelino, que coloca um trailer neste parque e oferece aos peregrinos que passam lanches como frutas, doces, margaridas (bolinho de bacia), e em troca oferecemos pequenas doações em moedas. Tiramos fotos com ele e assinamos seu livro de presença.

Esse parque fica na saída da cidade. Levamos cerca de 1 hora e 30 minutos para atravessá-lo. No caminho percebemos esquilos que teimavam em nos acompanhar.



### **Logroño – Nájera**

A caminhada de Logroño a Nájera foi cansativa. Passamos por uma subida com 715 m de altitude até o Alto de Santo Antón, percorrendo um total de 31 km. Como sempre, a dor nos pés me acompanhava. Chegar em Nájera era tudo que eu desejava. A cidade antiga fica na saída de Nájera. Muitas ladeiras nos esperavam! No final do dia, em torno das 17 horas, chegamos finalmente no albergue municipal.

O albergue era muito peculiar, feito de contêineres. Uma grande sala onde funciona a recepção e a cozinha. Quatro grandes mesas e diversos equipamentos para os peregrinos que quisessem preparar sua comida. Logo em seguida, a área dos banheiros e depois vem um grande salão com 78 camas beliches! Isso mesmo. Dormimos aí e, para nossa surpresa, tudo organizado, apesar de tanta gente! O cuidado em não incomodar o outro era visível. Na coluna central desse salão os beliches ficavam juntos e todos dormiam assim, parecendo casais! Nós ficamos exatamente numa cama de casal, num desses beliches! Fantástico!

A cidade de Nájera tem um acervo histórico muito bonito como todas as cidades do caminho, embora não seja do tamanho de Logroño. O frio nos castigou nesse dia... mas para dormir juntinhos, não tem melhor!

A noite no albergue foi bastante movimentada. Com frio, poucos se arriscam a sair à noite. Melhor, porque o albergue fica bem movimentado. Uns preparando comida e outros comendo e trocando seu lanche com o peregrino do lado. Aproveitamos para fazer amizades.

Conhecemos duas canadenses do lado francês. Uma delas há muito tempo morando na Suíça. Conversar a quatro sem uma língua comum é bem complicado, mas é muito interessante. As duas falavam Francês e uma delas falava um pouco de inglês e um pouco de espanhol. A outra falava apenas francês. Meu marido falava inglês e eu um pouco de cada língua (Inglês, Francês e Espanhol). Foi bem engraçado. A princípio parecia que não íamos conseguir trocar uma palavra, mas aí a conversa foi fluindo. Falamos até sobre política! E assim ficamos mais de uma hora papeando!

No dia seguinte, sempre nos encontramos pelo caminho. Não só elas, mas os demais com quem falávamos, pelo menos para dar um “buen camino”! E um sorriso é claro! Seguimos no dia seguinte para Santo Domingo de La Calzada.

### **Santo Domingo de la Calzada**

Ainda no país Basco, Santo Domingo fica há 21 km de Nájera. O terreno é um pouco acidentado. Tem uma grande subida até Rioja Alta Golf Club. Mas o que chama atenção em todo o caminho são os campos de Coto de Caza; uma flor amarela que se assemelha à canola. Chegar em Santo Domingo é uma bela surpresa. O acervo histórico é muito bonito. Chegamos no dia em que estavam comemorando o Santo Domingo. Muita gente nas ruas, procissão, teatro, parquinho para crianças...

Ficamos hospedados no Albergue del Abadia Cisterciense Nuestra Sra. de la Anunciación. O lugar é muito interessante para quem curte história. A abadia conserva ainda os traços originais. Tem uma lareira na sala de jantar e os quartos com no máximo quatro camas. Dividimos um quarto de três camas com um alemão. Mas a noite foi bastante fria e lá não tinha calefação.



Ainda eram quatro horas da manhã e eu levantei com meu saco de dormir para tentar dormir um pouco na cozinha, onde havia uma lareira. E para minha surpresa, o fogo da lareira estava apagado!

Não contava com essa! Não dava para voltar para o quarto e terminar a madrugada na cama, pois acordaria o alemão que dormia conosco! Fiquei ali a arrumar minha bagagem e o café da manhã para nós dois e também me preparar para a caminhada seguinte. Logo o dia nasceu e começaram a chegar à cozinha os coreanos e japoneses, sempre disciplinados. Em seguida, Guto apareceu. Comemos e saímos rumo à próxima cidade: Belorado.



A caminhada de 23 km até Belorado não foi tão ruim. O nível do terreno não era muito acidentado, com uma pequena subida, sem requerer sacrifício. Em todas as cidades por onde



passamos como Granón, Redecilla del Camino, Castildelgado, Vitoria de Rioja e Villamayor del Rio, passam ônibus para o caso de alguma emergência. Com exceção de Castildelgado, todas possuem albergues, caso o peregrino decida ficar ao longo da viagem.



Até Burgos não encontramos nada tão diferente e pitoresco do que já havíamos visto pelo caminho. De Belorado até San Juan de Ortega são 24 km. O peregrino vai encontrar uma subida de 770 metros de altitude (San Juan) até 1162 metros, o Alto de Valbuena. As cidades desse trecho têm ônibus, supermercados, farmácias e albergues. No caminho entre Espinosa del Camino e Villafranca Montes de Oca tem o Monastério de San Felices para conhecer, antes de encarar a subida. San Juan de Ortega fica a 1040 metros de altitude. É uma pequenina cidade com um albergue que comporta 70 camas. Mas não precisa correr para chegar cedo! O peregrino sempre terá um lugar para ficar. Muitos saem desesperados no caminho para chegar logo e pegar uma vaga no próximo albergue, mas isso faz perder o brilho do caminho, a reflexão. Deixa-se de parar e conversar com os habitantes locais, conhecer a cultura, apreciar a paisagem e fazer amizades. E isso não tem preço! Aconselho sempre seguir seu ritmo, sua caminhada, sem se importar se os outros peregrinos estão passando rápido na sua frente! Não se trata de uma corrida de obstáculos, mas de um fluir pelas estradas. Curta seu caminho!





## Burgos

Burgos merece atenção à parte! É uma grande e linda cidade! De San Juan de Ortega a Burgos, são 27,5 km. A chegada em Burgos causa um certo deslumbramento pela beleza de sua catedral, patrimônio da humanidade e todo complexo histórico.

Quando chegamos em Burgos, fomos direto conhecer seu acervo histórico. A Catedral de Burgos é fantástica! O barroco espanhol nunca é divulgado no Brasil. Parece até que o barroco é prerrogativa apenas dos portugueses. No entanto, isso acontece porque Portugal cuidou de não divulgar a cultura espanhola. A rivalidade entre os dois países sempre foi presente.

A visita à Catedral de Burgos levou mais de duas horas e não conseguimos ver tudo como gostaríamos! Ela é imensa, formada por diversas igrejas e capelas. São inúmeras obras de arte para se apreciar. Depois seguimos para conhecer o Castelo de la Reina e o mirante, de onde se pode apreciar toda a cidade do alto. Vale a pena conhecer! E aí, a fome apertou e fomos comer uma paella maravilhosa... mas quando fomos procurar o albergue municipal, já era tarde, estava lotado!

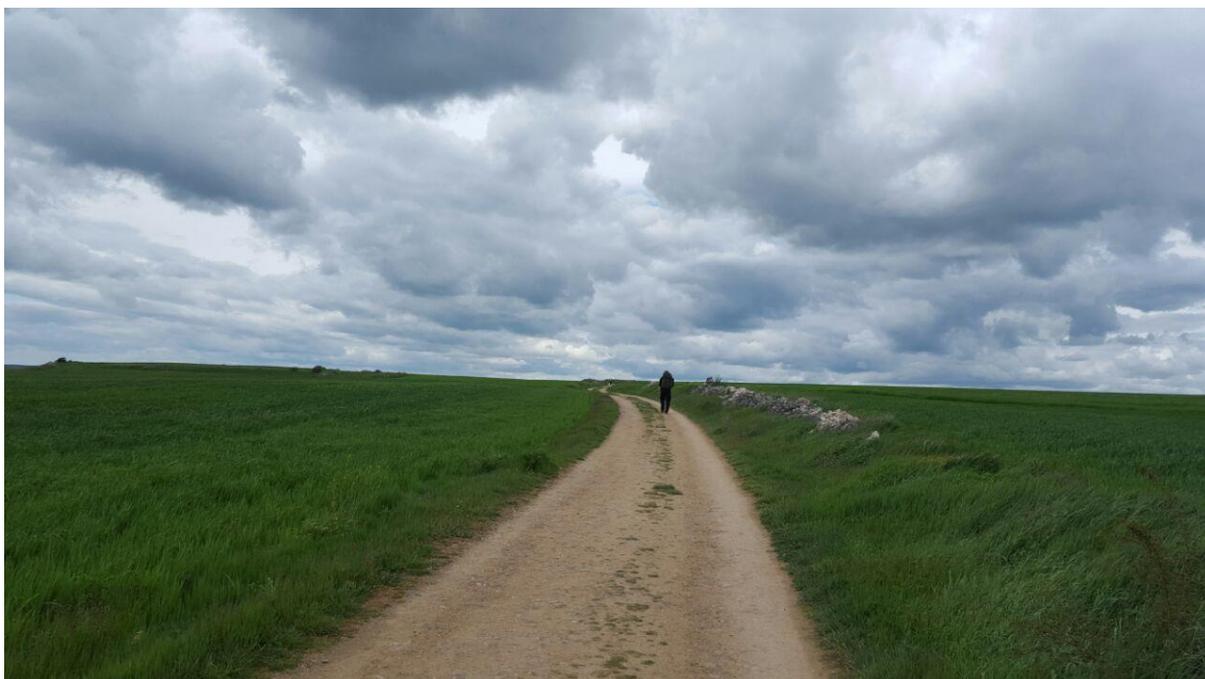
O albergue municipal de Burgos é grande e tem uma estrutura excelente, com capacidade para 150 camas. Confiamos nisso e não nos preocupamos em garantir nossa vaga! Queríamos conhecer logo a cidade, comer e ficar no albergue sem precisar sair mais, porque o tempo estava frio e chuvoso. Bom, não conseguimos uma vaga, mas tinha um espanhol oferecendo vaga numa pousada e pedi que o seguissemos. Ficamos com um pouco de medo, porque no Brasil, não dá pra seguir ninguém, confiar em ninguém... mas havia mais duas pessoas na mesma situação que a gente, uma francesa e um espanhol. Depois de andar atrás do rapaz durante uns 20 minutos, chegamos na pensão, mas pelo preço cobrado, preferimos ficar no hotel desse mesmo complexo. Pagamos 40 euros pela diária e ficamos num quarto só para nós dois, pequeno e muito aconchegante. Era tudo que eu precisava. Por um momento esqueci-me de mencionar (ou omiti, para não ficar chata) que meus pés continuavam me incomodando muito. As dores e o cansaço eram latentes! Ficar nesse hotel nos proporcionou uma noite bem-dormida, numa cama boa, banheiro privado e tudo mais.

Para fazer o caminho, são necessárias, pelo menos uma vez por semana, paradas mais demoradas, num local mais confortável para o descanso. Não dá para fazer sem descanso, dia após dia, direto. Chega um ponto em que estamos tão exaustos que não conseguimos curtir mais nada. É importante também ver o que tem por perto dessas cidades. Às vezes há um monumento, alguma coisa que valha a pena se desviar um pouco da rota e conhecer, descansar e depois voltar ao caminho. Isso faz parte da viagem.



### **As Mesetas**

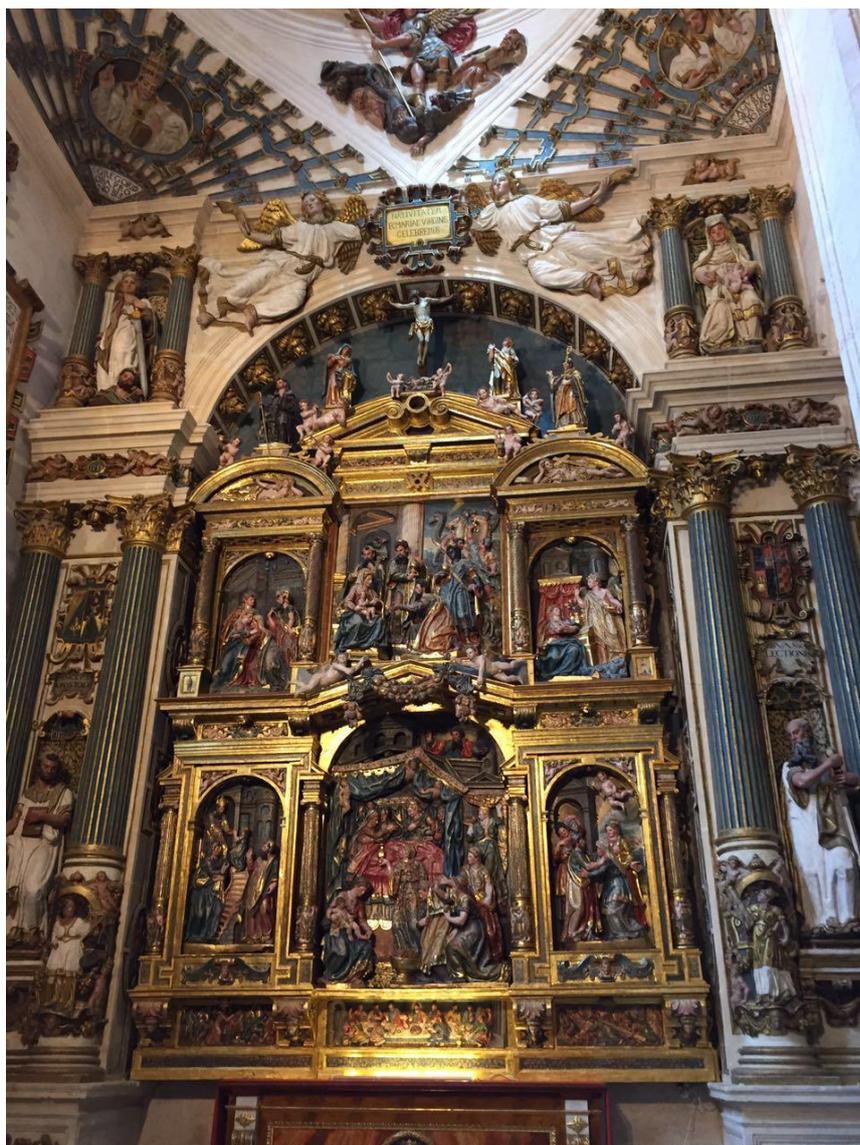
A partir de Burgos, começam as Mesetas, que são áreas mais despovoadas, porém mais planas para se caminhar. Nesse trecho, as cidades ficam mais afastadas umas das outras. Elas vão aos poucos se distanciando, como se estivessem convidando o caminhante a um distanciamento de si mesmo, propício à reflexão. Estávamos cansados e meus pés incomodavam muito. Além do mais, só tínhamos 30 dias para fazer o caminho. No ritmo que íamos, não conseguiríamos chegar em tempo. Decidimos então fazer uma parte do caminho de ônibus, pois o planejamento inicial, fazer de bicicleta, não deu certo.



Fomos então, na rodoviária comprar passagens para Castrojeriz, pulando uma cidade, Hornillos del Camino e de lá, também de ônibus, iríamos para León. Mas ao chegarmos na rodoviária, não tinha passagem para Castrojeriz, tinha apenas para León. Fiquei um pouco chateada porque não queria perder 200 km do caminho. Mas foi o que o caminho nos ofereceu.

Precisamos ter a humildade de aceitar o que o caminho nos oferece! O importante não é o quanto você caminha e sim o caminho que você faz! Cada pessoa faz um caminho diferente na vida. Isso em nada tira o brilho do seu esforço. Seguimos de ônibus até León. Pulamos, então, sete cidades. A viagem de ônibus foi maravilhosa, muito confortável, com wi-fi, e tudo mais. Foi um descanso merecido!





## León

A chegada em León foi muito boa. A cidade é grande, linda e moderna. Ruas largas, bem sinalizadas, muitos jardins, fontes, praças e um rio bastante caudaloso e com correnteza, cortando a cidade. León é bastante animada, com muitos jovens, com muita gente na rua e um comércio muito bom. Não tínhamos onde ficar, mas, através do booking, reservei ainda no caminho uma pensão. Para chegar no endereço foi fácil. Apenas perguntei às pessoas e logo me indicaram a direção. Na Espanha, todas as pessoas que encontramos foram muito solícitas e simpáticas.

Ao chegarmos na pensão, já eram 5 horas da tarde e a dona não estava. com o meu celular descarregado, não pude ver meus e-mails e mensagens. Havia uma mensagem que dizia o horário de chegada. Por pouco não fomos embora. Mas chegaram três senhoras francesas que também se hospedaram lá e aí tomamos conhecimento do horário. Mas elas disseram que já haviam contatado com a dona da pensão e que ela já estava vindo atender. Ufa! Foi por pouco. Guto já estava

desesperado, como sempre, sem saber onde passaria a noite! Mas foi tudo resolvido. Ficamos num quarto só para nós dois, com banheiro. Excelente! Em León não passeamos, pois já chegamos tarde. Fomos apenas jantar próximo da nossa pensão. No dia seguinte iríamos caminhar 22 km para Villadangos del Páramo, apenas 5 a 6 horas de caminhada. O caminho seria plano, sem problemas.



### Villadangos del Páramo

A saída de León parecia não terminar mais. Seriam apenas 22 km! Acontece que a partir de León o caminho fica dentro das cidades ou muito próximo a elas e do polígono industrial. Também andamos muito próximos às rodovias com muito movimento de trânsito, desviando nossa atenção do caminho. Por isso fica cansativo. Saudades dos campos e florestas que deixamos lá atrás! O mesmo até Astorga, que fica a 28 km de Villadangos, mas não há tantas subidas e descidas no caminho.



## Astorga – Rabanal del Camino

Astorga é uma bonita cidade de porte médio com uma Catedral belíssima e uma ponte medieval, que merecem atenção especial do peregrino. Para quem gosta de história e de arquitetura, é um prazer conhecer essas cidades. Deixamos nossas coisas no albergue e fomos passear conhecer a catedral, comer e fazer compras. O peregrino vai encontrar para alojamento três albergues, um com 150 camas, outro com 95 e o terceiro com 156 camas. Também não precisa correr para conseguir um lugar. A cidade é servida de trem, ônibus, supermercados, farmácias, restaurantes e toda estrutura turística.



Ficamos num Albergue privado. Um local próximo da Catedral, chamado Albergue de Peregrinos San Javier. Um lugar muito interessante que muitos peregrinos e turistas procuram. Tem uma sala de convivência muito agradável, com lareira onde todos se reúnem à noite para trocar ideias. Lá conheci uma portuguesa que ficou no nosso quarto. Trocamos algumas palavras sobre Finisterra, que fica próximo da cidade do Porto, origem da lusitana. Como todo bom português, ela se orgulhava de pertencer àquele local. Dizia ela, Porto é belíssima, podes ir até lá! Eu perguntei se de Santiago eu poderia pegar um ônibus até Finisterra e depois até o Porto. Ela respondeu: Há comboios e caminhonetes e são baratinhos! Pensei: Será que ela me entendeu, ou eu estou entendendo corretamente. Passei uma mensagem para uma amiga, Andreia, que é descendente de portugueses: “Déia, estou entendendo melhor espanhol ou inglês..., mas o português, está difícil!” Ela disse: “Não se preocupa, Tosca (meu sobrenome, Toscano). Meus patrícios não falam direito nossa língua!” Rimos bastante.

No dia seguinte, seguimos para Rabanal del Camino. Pelo que vimos no mapa, até lá seriam apenas 20 km mas de subida, e a previsão seria de 5 a 6 horas para chegar. Chegamos com quase 7 horas de caminhada. Ao longo do caminho só teriam três cidadelas sem muita estrutura. Isso fez aumentar nossa bagagem e o peso porque abastecemos com mais lanches nossas mochilas, que, sem o lanche, pesavam 8 e 10 kg cada! Frutas, leite e biscoitos era nosso lanche preferido. Os dois albergues de Rabanal oferecem ao todo 66 camas. Ficamos num albergue privado e lá tivemos a honra de conhecer uma senhora franco-brasileira maravilhosa, Nathália.

Estava no albergue descansando na minha cama de beliche quando fiquei escutando essa senhora conversando com duas italianas que estavam alojadas junto ao meu leito. E achei o sotaque diferente, nem de italiano, nem de francês... hum! Só poderia ser brasileira. Quando terminou a conversa com as italianas, olhei para ela e perguntei se era brasileira. Foi uma festa! Ela respondeu que sim e ficou muito feliz em nos encontrar no caminho. Nascia ali uma linda amizade!

Nathália era baiana, casou com um francês e há 40 anos morava na França, em Bordeaux. Muito simpática, começamos a conversar, fomos jantar e a conversa continuou junto à lareira do albergue, até às 22 horas, quando todos teriam que apagar as luzes e dormir. Falamos sobre política e a tristeza que estava o Brasil, com essa corrupção toda... e também da nossa culinária, de que ela tinha muita saudade. Fizemos amizade e no dia seguinte saímos juntos em direção à Molinaseca, a 24,5 km dali.

### **Molinaseca**

Acho que eu já falei, não vou repetir: meus pés estavam destroçados e assim continuaram. Chegar a Molinaseca foi um verdadeiro sofrimento. Teríamos que encarar uma subida no início de 300 metros até a Cruz de Ferro, o que daria uns 5,6 km de subida e a partir daí só descida, de 1504 metros de altitude iríamos descer até 590 metros de altitude. Para mim seria muito esforço.

Algumas coisas o caminho, ou a vida, nos oferece para aliviar nossas dores. Nesse dia, encontramos, no meio do nada, um “cavaleiro medieval” e seu pássaro, um falcão. Paramos encantados com a cena. Ele nos ofereceu o pássaro para que tirássemos uma foto com ele. Lindo e encantador! A princípio tivemos um pouco de medo, pois o falcão olha nos olhos. Pensei, vai me bicar! Mas o pássaro estava domado. Tiramos nossa foto e seguimos a caminhada. Por um momento esqueci os meus pés.



Mais adiante, encontramos um espanhol que morava solitário na montanha. A casa, ou melhor, um abrigo de madeira e plástico, sempre tinha o que servir aos peregrinos que passavam. Paramos um pouco para descansar e tomar um café. Ele vivia de doações. Conversei um pouco com ele e contei que no albergue da cidade anterior alguém trocou meu stick e eu tinha ficado com, provavelmente, o da pessoa que o levou. Eram muito parecidos. Falei também dos meus pés e do joelho, que estavam doendo. Ele pegou meu stick e consertou, e mais, deu-me o dele; disse que eu iria precisar de um stick, uma espécie de cajado, para subir a montanha. Foi minha salvação!

O caminho tem dessas coisas: cada um doa o que tem, o pouco ou o muito, mas sempre estão ali para servir. Uma pessoa que não tinha nada para dar ofereceu tudo que eu precisava naquela hora. Deixei todas as moedas para ele, mas ainda fiquei devendo a gentileza. Gentileza só se paga com gentileza!



A chegada na Cruz de Ferro é emocionante. Ao ver a Cruz não aguentei e chorei. Há alguns dias, em Belorado, Guto vendo meu sofrimento, chegou a falar em desistir. Eu nem dei ouvidos. Juntei minhas forças e andei cada vez mais rápido. Não sou de desistir dos meus sonhos, muito fácil!

Na Cruz de Ferro as pessoas jogam pedrinhas com mensagens, pedidos ou orações e agradecimentos a Santiago pela chegada ou por alguma graça alcançada. Tem um parque no entorno onde sentamos e ficamos horas ali lanchando e descansando. Depois subimos na Cruz para tirar umas fotos e agradecer nossa chegada naquele ponto. Estávamos agora um pouco mais da metade do caminho. Nathália chorou muito e ligou para sua família, pois lembrou que há 10 anos ela começou o caminho e desistiu em Burgos, porque seu joelho não aguentou. Passados 10 anos, ela recomeçou sua jornada em Burgos, sozinha mas feliz. Detalhe, ela tinha 84 anos. Fantástico! Ela em muitos momentos me serviu de inspiração. Eu não iria desistir, estava decidido.





Despedimo-nos de Nathália e seguimos nossa caminhada. A mochila pesou muito nesse dia, e incomodou bastante. A faixa que prende a mochila na cintura se partiu e todo o peso ficou sobre os ombros. Além dos pés, os ombros estavam doendo muito. A vontade que me deu foi sair embolando de ladeira abaixo. Desci a montanha de costas, e saí do caminho que era próximo ao asfalto e segui por ele. O joelho também começou a doer e aí passamos por um vilarejo chamado Acebo.

Acebo era muito pequeno, mas tinham alguns albergues e uma pousada melhor, cheia de

turistas. Essa região é muito procurada por turistas, pela beleza da montanha. Ao passar pelo Albergue dos Amigos do Caminho, decidimos entrar e passar a noite ali. Minhas costas e meus pés doíam muito. As pessoas do albergue ao me verem foram logo pegar uma cadeira para eu me sentar. Viram minha cara de exaustão. Molinaseca ficaria para o dia seguinte.

Os amigos do caminho são de fato amigos. Deram-me uma cama de beliche baixa, tomei um remédio para dor (doado pelo brasileiro que conheci lá atrás, Roberval, o baiano) e entrei no meu saco de dormir sem ao menos tomar banho. Eu tremia de frio e cansaço e me deram um cobertor para colocar por cima do saco de dormir. Ali eu adormeci e mais tarde levantei, tomei um banho e ao chegar na cozinha, o que me esperava era um jantar comunitário maravilhoso. Ficamos muito felizes com aquela acolhida. Todos se confraternizaram sentados numa grande mesa, gente de diversas nacionalidades que trocavam olhares, sorrisos, comida e muita alegria. Ao terminarmos de jantar, fomos todos lavar os pratos e arrumar a cozinha. O anfitrião nos convidou a ver o pôr do sol na montanha próxima do albergue, ao som de seu violão. Foi uma festa! Saudades! No dia seguinte chegamos em Molinaseca, descansados, podendo desfrutar das belezas do caminho, com muitas cachoeiras e um verde indescritível.



O que parecia um caminho difícil e sem fim naquele dia, tornou-se uma festa! Às vezes não entendemos por onde o caminho nos leva e, por isso, deixamos de aproveitar o que ele nos oferece. Acebo foi um presente de Santiago e estava reservado para nós dois. Receba os presentes que o

caminho oferece a você. Às vezes, é uma paisagem, uma comida. Às vezes, são pessoas maravilhosas, ou abençoadas lições de vida.

### **Molinaseca – Villafranca del Bierzo**

A caminhada para Molinaseca foi tranquila e acompanhada dos amigos que fizemos no albergue em Acebo. Esqueci de dizer que encontramos Nathália em Acebo também, só que ela ficou em outro alojamento, privado, e seguimos sempre nos encontrando, numa ou noutra cidade, até Ponferrada.

Paramos em Ponferrada, que fica no caminho para Villafranca del Bierzo. Ponferrada é uma cidade grande e muito bonita e bem estruturada. Tem um castelo que é ponto turístico e, como tal, tínhamos que conhecer. Por isso atrasamos um pouco a viagem e tentamos pegar um trem.

Chegamos na estação mas não tinha trem para Villafranca. Mandaram a gente ir até a estação de ônibus. De Molinaseca até Villafranca seriam 31 km. De Ponferrada até Villafranca seriam 21 km, não dava pra fazer no mesmo dia, porque demoramos muito conhecendo a cidade. Mas valem a pena, essas paradas. Pegamos então um ônibus de Ponferrada a Villafranca. E porque não? Descansamos e no dia seguinte iniciamos nossa caminhada logo cedinho para Vega de Valcarce. Esse trecho é muito bonito, o verde da paisagem, os rios... é bom não ter pressa. Paramos bastante em quase todos os cafés que encontramos no caminho. Já não tínhamos tanto lanche na mochila, e nem precisava, porque são muitas as cidades e lugarejos próximos onde o peregrino pode parar e se abastecer.

### **Vega de Valcarce**

Após 4 horas de caminhada chegamos a Vega, apenas 18 km de caminhada no plano, muito cedo para parar e pernoitar. Então decidimos seguir viagem no mesmo dia até o Cebreiro. Planejar é fundamental, mas de vez em quando, furar o planejamento dá um frio gostoso na espinha!

### **O Cebreiro**

O Cebreiro é uma grande montanha que vai de 630 metros de altitude até 1330 metros. Apenas 12 km de muita subida. Achamos que não seria tão difícil. No caminho existem três povoados com albergue, Ruitelán, La Faba e La Laguna, já próximo do Cebreiro. E começamos nossa subida. Já não vimos mais os amigos que deixamos para trás. Mandeí uma mensagem para Nathália, mas ela não viu, perdemos de vista. Uma pena!



A subida no Cebreiro foi tranquila no início, mas à medida que subíamos sentíamos o poder da montanha. Encontramos muitos jovens nesse trecho. Quanto mais próximo de Santiago, mais o caminho vai enchendo. Compramos bananas em Las Herrerias, comemos um bocadillo, que é um sanduíche espanhol recheado com presunto e ovos batidos do tipo omelete e seguimos. Subir para mim não era problema. Mas não foi tão fácil, porque havia degelo e muita lama descia da montanha. a água que escorre torna o caminho muito lamacento e escorregadio. Mas conseguimos chegar no final da tarde no Cebreiro. No caminho ainda paramos em La Laguna para comer e seguimos.

A vista do Cebreiro é muito linda. Ali começa a invasão dos turistas. Até então não precisamos reservar albergues ou pousadas, mas ao chegarmos ao Cebreiro, não havia lugar para ficarmos, pois chegamos no final da tarde. Nosso planejamento nesse dia falhou. Era para ficarmos em Vega, subir a montanha no dia seguinte e chegarmos cedo ao Cebreiro. Mas achamos que dava para fazer em um dia as duas cidades. De fato, foi possível, mas agora teríamos que caminhar no fim de tarde até a próxima cidade, descendo a montanha, para encontrar abrigo. No Cebreiro, senti um pouco do preconceito contra brasileiros. Achamos um hotel, mas quando fomos identificados como brasileiros, não havia mais vaga... acho que algum brasileiro antes de nós fez alguma besteira.





Seguimos andando, descendo a montanha até Linares, e nada de abrigo. Seguimos para Hospital de la Condesa, onde teria um albergue, mas já estava lotado. Meus pés não aguentavam mais me levar. Paramos num café e perguntei se havia pousada por perto. A mulher disse que ali não havia nada, mas tinha um senhor que trabalhava com táxi e poderia nos levar até Triacastela. Essa cidade ficava a 14 km de onde estávamos. Foi a única opção que tivemos e agradeço muito a Deus e a Santiago por isso. O taxista nos levou a um albergue privado, novíssimo e excelente. Banheiro muito bom, aquecimento, cama confortável, cozinha ótima e lavanderia. Aproveitamos para lavar e secar a roupa na máquina. Sempre fazíamos isso a cada duas cidades.

O peregrino não precisa se preocupar em lavar sua roupa na mão. Só se quiser. Os albergues sempre têm máquina de lavar e secar. Com 6 euros você resolve seu problema de roupa suja, mesmo sem estar em casa.

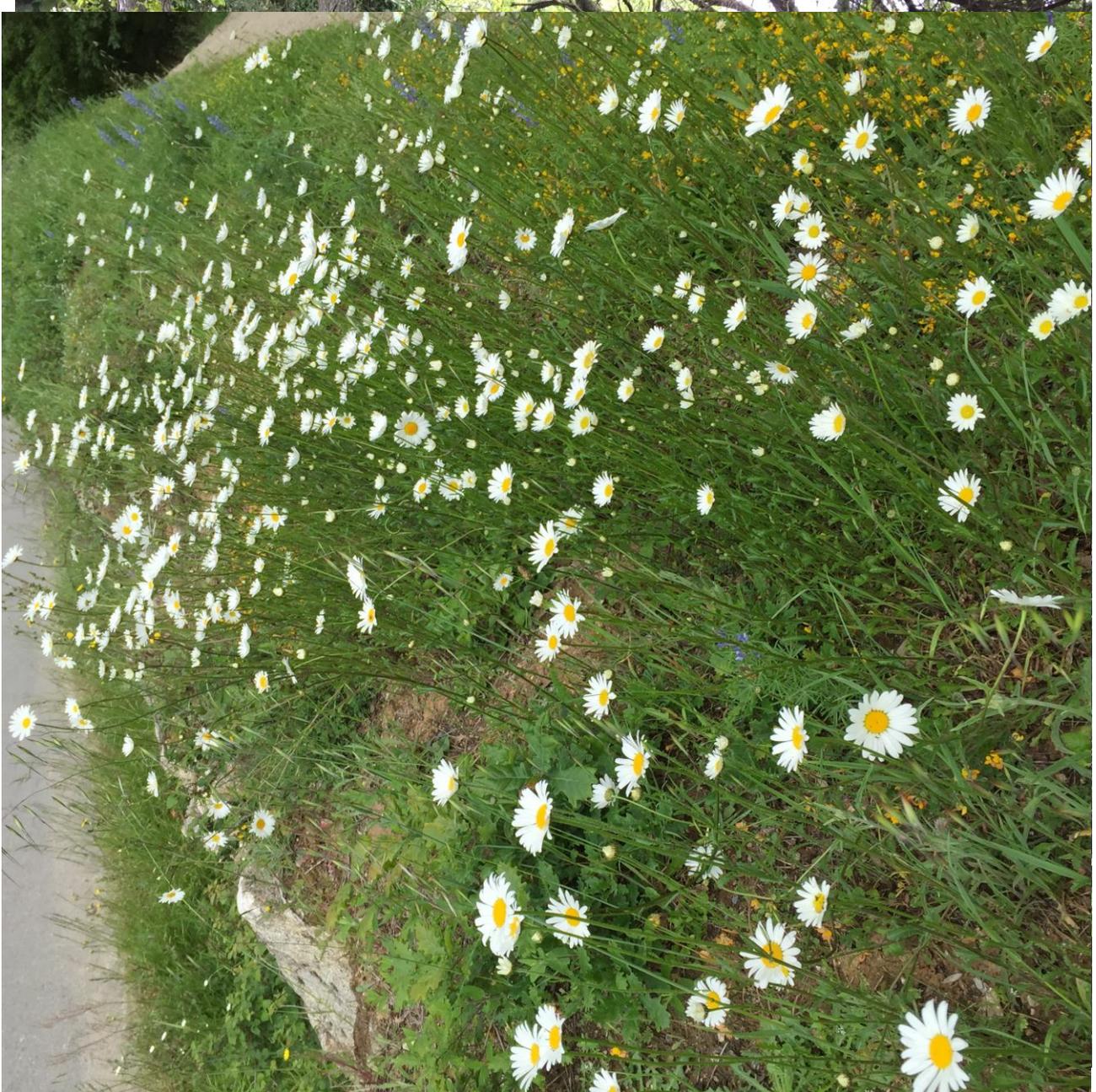
Em Triacastela, saímos no frio para comer e fazer compras de lanche para levar na caminhada do dia seguinte. O destino seguinte era Sarria que ficava a 21,5 km dali. O mapa mostrava um terreno praticamente plano. Não teríamos problema.



## Sarria

Chegar à reta final de uma jornada é tarefa difícil. afinal, tudo no começo são flores. Quanto mais perto da meta, mais longe ela fica. Quando estamos cansados, perdemos o foco, a paciência e a determinação. Já não importa mais nada. O sentimento é de querer acabar logo o caminho e sair dali. Voltar para casa!

A caminhada até Sarria, que no início parecia fácil, pelo mapa, foi uma das mais penosas. Saímos cedo, mas um pouquinho mais tarde que o habitual, às 7 horas 30 minutos, debaixo de uma chuva e frio, como sempre, nessa época. Na Galícia sempre chove muito! E encontramos logo no início do caminho, na saída da cidade, um judeu de Jerusalém, que nos indicou outra rota mais curta, só que mais difícil e diferente do que nosso mapa apontava. Adotamos essa rota, com muitas subidas, descidas, lama, terreno acidentado, mas de uma paisagem maravilhosa!



Andamos muito até encontrar uma parada legal para comer. Achamos um restaurante, que também era albergue e comemos bastante. O café da manhã não tinha sido muito farto. Pedimos ovos com bacon e torradas, e para acompanhar um suco de laranja bastante doce, delicioso e um café com leite para finalizar. Ah, depois disso a caminhada ficou melhor, porém muito longa e

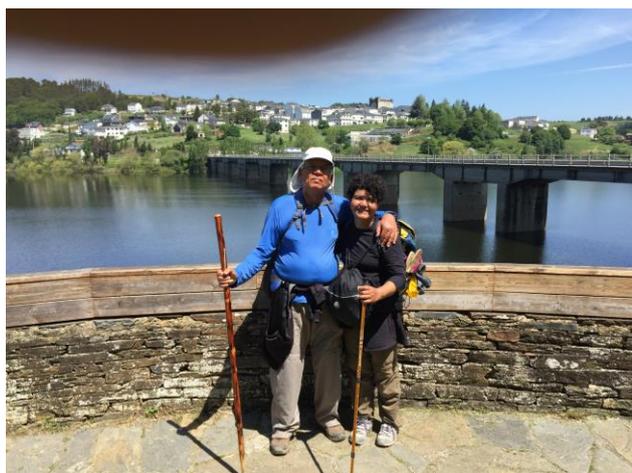
cansativa. Paramos bastante para descansar, e lanchar bananas, laranjas e biscoitos que levamos na mochila. Mas não posso dizer que foi tudo ruim. A paisagem nesse trecho é muito bonita. Passamos por uma floresta onde, no meio do nada, estava estacionado um trailler carregado de frutas, biscoitos e margaridas (uma espécie de bolo de bacia da Espanha). Salvaram nosso dia. O dono oferecia tudo em troca de donativos. Deixamos algumas moedas e pegamos duas caixas de lindos morangos deliciosos! Bom demais! Então, ao invés de reclamar, aproveitamos para tirar belas fotos. Isso é caminhar!

### **Sarria-Portomarín**

Saímos cedo de Sarria. Como de costume, passamos por toda a cidade, pela feira de frutas e verduras, até achar o caminho novamente, sempre seguindo as setas amarelas ou as conchas cravadas nas calçadas. A dica é sempre procurar pela área antiga da cidade.



De lá até Portomarín seriam 21,5 km de caminhada e o terreno pouco acidentado. Nesse trecho há muitas cidadelas, porém sem muita infraestrutura. Quase não paramos o dia todo. Paramos em Ferreiros para comer e seguimos viagem até Portomarín. A chegada é linda. Portomarín fica no alto de um morro e é cortada por um grande rio, o Miño. Antes de entrar na cidade, ficamos no mirante, observando a paisagem. Parecia com as paisagens de Portugal. Procuramos um albergue privado, o primeiro que encontramos. Na hora que chegamos não tinha ninguém, a não ser um homem bastante grande e gordo que roncava no fundo do quarto. Mais tarde conseguimos nos comunicar com ele. Era um russo. Até hoje não sei como ele coube naquele beliche! Saímos mais tarde para jantar, conhecer o comércio, a cidade e fazer as comprinhas de sempre, para levar no dia seguinte.



A ansiedade em chegar a Santiago ia aumentando, à medida que ficávamos mais próximos. Não tínhamos mais curiosidade em conhecer as cidades que apareciam; queríamos muito chegar logo.

### **Palas del Rei – Arzúa**

Seguimos para Palas de Rei. Caminhamos 25 km nesse dia num terreno bastante acidentado, com muitas subidas e descidas. Também com muitos campos de flores amarelas.

A próxima cidade, Arzúa, ficava a 29,5 km. O mapa indicava 7 horas de caminhada. Fizemos em 9 horas. Caminho não muito fácil, porém tranquilo. Mantivemos o foco, conversamos menos e paramos pouco. Guto estava bem, em forma, e andava um pouco mais rápido que eu. E continuei arrastando meus pés doídos e com o foco na chegada. Ele perdeu um pouco a paciência comigo. Achava que eu estava fazendo de propósito, andando devagar quase parando. Mas não entrei no jogo da raiva. Fiquei na minha seguindo meu caminho, dentro do que eu podia fazer. Acontece que no início da manhã eu estava com os pés descansados, conseguia andar mais rápido. À medida que o tênis apertava meus machucados eu ia ficando mais lenta e assim por diante. Demorou para Guto entender que eu estava fazendo o melhor que eu podia. Encontramos, num trecho de mata, um ônibus carregado de japoneses. Desceram com suas mochilas e máquinas fotográficas e caminharam até uma casa de campo próxima, para ali se hospedarem. Passaram andando rápido... nem faziam ideia do que era caminhar por 25 dias... Paramos algumas vezes, sempre que encontrávamos uma cafeteria ou um bar, para tomar um suco, ou comer alguma coisa e descansar os pés, tirar meus sapatos... Santiago se aproximava.

### **O Pedrouzo**

De Arzúa a Pedrouzo são 19 km apenas, o terreno não é acidentado. Foi uma caminhada tranquila, mas no caminho não há muitas alternativas para comer. Aconselho levar lanche para o dia

todo. Queríamos chegar logo em Santiago. Ainda pensamos em passar direto e seguir, mas ainda faltavam 20 km para chegar no nosso destino. =Paramos no Pedrouzo, um vilarejo, para seguir viagem no dia seguinte.

No caminho encontramos muitos turistas e peregrinos que começam sua jornada mais próxima de Santiago. As pessoas que conhecemos antes ficaram para trás. Cada um com seu caminho, seu planejamento, sua realidade. Senti falta das pessoas com as quais fizemos amizade, dos brasileiros que encontramos... João, que sempre estava a me pedir linha e agulha para furar as bolhas dos seus pés... de compartilhar nosso cansaço, nossas histórias... tudo isso vai ficar para sempre na minha memória e no meu coração.

Paramos próximo de Santiago, no Monte do Gozo. Lá tem um monumento ao Caminho e muitos turistas. Ficamos alguns minutos ali e seguimos. Faltavam apenas 5,5 km para nossa chegada. A chuva fina não parava, só aumentando a distância e a ansiedade.

Para minha surpresa, Santiago de Compostela é uma cidade grande e bonita. Fizemos algumas paradas até chegar à Catedral, nosso destino final. Conhecemos uma jovem argentina, que também estava meio perdida como nós.

Quanto mais próximos de Santiago, mais as setas amarelas diminuem e as conchas nas calçadas também. Por um momento nos perdemos na cidade, mas não demorou a nos encontrarmos. É só perguntar que todos lhe indicarão o caminho. Diferente das encruzilhadas da vida.

A argentina seguiu conosco até acharmos a Catedral. A parte antiga da cidade é muito bonita e viva. Tudo funciona. Lojas, restaurantes, cafés, igrejas, bares e festas. A noite é animada. Reservei uma pensão pelo booking, que ficava bem localizada, próxima da Catedral.





Finalmente, chegamos à Catedral e fomos logo assistir à missa dos peregrinos, já passava do meio dia. Ao tentar entrar, fomos expulsos, pois entramos com mochilas e cajados, o que não era permitido. O deslumbramento é inevitável. A Catedral é imensa e a multidão também.

Eu estava cansada, suja, ainda com a capa de chuva, um bagaço. Na multidão de turistas, não vimos muitos peregrinos. Eles estavam na fila do centro de peregrinos para tirar sua Compostela. Deixamos isso para mais tarde. Um casal de americanos nos abordou e a senhora me disse: “Congratulations”! Na hora não entendi. Depois percebi que eles nos reconheceram no meio aos turistas como verdadeiros peregrinos. E aí me dei conta da minha aparência.

Aparência é uma coisa que sempre nos deixa preocupados. Mas aquela senhora conseguiu ver nossa essência. A aparência não significava nada! Receber parabéns a essa altura foi o maior presente que tivemos no final da nossa jornada. Nem sempre na vida somos reconhecidos pelo que fizemos, pelas nossas conquistas, pelo nosso afeto, pela nossa dedicação; até mesmo das pessoas que mais esperamos. Na maioria das vezes, achamos que essas pessoas queridas também nos conhecem e admiram. Ou seja, na vida, esperamos atitudes das pessoas, como se estivéssemos no lugar delas. Mas cada um é cada um... No Caminho fui reconhecida pela minha aparência, mas essa aparência maltratada pelo cansaço enalteceu meu interior, e por isso fui parabenizada!

Dali nos despedimos da argentina e fomos procurar nossa pensão, que ficava bem próxima. Da nossa janela víamos o castelo dos reis, hoje um hotel de luxo. O lugar era muito agradável, ficava no terceiro andar do prédio. Embaixo havia uma loja onde pudemos comprar todas as lembrancinhas.

Tomamos um banho e saímos para comer e tirar nossa Compostela. A Compostela é um diploma, um certificado de conclusão do Caminho. Antigamente garantia uma indulgência. Mais tarde, às 19 horas iríamos assistir à missa que não tínhamos conseguido mais cedo. A fila para tirar a Compostela estava grande, mas esperamos com paciência e valeu a espera. Orgulho de todo peregrino! Depois fomos jantar, que ninguém é de ferro!

Ao chegar no restaurante, uma coisa nos chamou atenção: Todos olharam quando entramos e nos cumprimentaram com um “Olá, buenas tardes!” ... O garçom logo veio em nossa direção e nos apresentou uma mesa. Pelas minhas simples vestes, achei que iria nos expulsar dali. Ao contrário. Fomos tratados com muito respeito e dignidade. Em momento algum fomos olhados com desdém por estarmos simples. Senti que ali as pessoas se respeitavam como seres humanos e não pelos valores materiais. A comida estava deliciosa, mas já era hora de planejarmos nossa volta.

Dali fomos direto para uma estação de trem para comprar nossas passagens para Madrid. Inicialmente queríamos ir até Finisterra, mas chegar a Santiago era nosso objetivo maior e cumprimos com louvor. Levamos 26 dias para concluir nossa jornada. Dever cumprido, cansaço e uma saudade de casa tamanha! Pensar que daqui a dois dias estaríamos em casa era uma alegria!

Compramos nossas passagens para o dia seguinte às 5 horas e 15 minutos da manhã. Iríamos tentar em Madrid antecipar nosso voo, marcado para o dia 30.05.2016. Voltamos para a Catedral para assistir à missa. Emocionada, chorei, rezei, cantei e comungamos. Não poderia ser melhor. A igreja cheia de turistas e peregrinos, sentamo-nos no chão e ali ficamos agradecidos por tudo que conquistamos na viagem. A hora da bênção dos peregrinos é o ponto alto da missa. O defumador

gigante passa por toda igreja é o momento mais esperado por todos. Assim que acabou a missa, fomos conhecer a Catedral e o túmulo de Santiago. Dever cumprido, voltemos pra casa.

Às 4:30 do dia seguinte, ainda escuro, saímos com chuva em direção à estação de trem. Chegamos e já havia muitos peregrinos do lado de fora da estação aguardando o primeiro trem da manhã. A viagem até Madrid durou 6 horas. Ao chegarmos em Madrid, pegamos outro trem para o aeroporto e lá finalmente conseguimos, após pagar multa, remarcar nossa viagem para o mesmo dia. Ficamos até às 22 horas no aeroporto aguardando nosso voo.

Finalmente, após 9 horas de voo chegamos à nossa casa! Viajar é bom, mas como é bom estar de volta!

Guardo lembranças das pessoas, dos lugares, das coisas boas que passamos e das coisas ruins que também passaram. Das dificuldades, das alegrias e do sofrimento. Aprendemos a conviver melhor com as adversidades. E agora temos a certeza que existem pessoas e lugares onde o ser humano ainda tem valor maior.

Nosso caminho é assim, nunca é igual. Cada dia é diferente do outro. O importante é ter fé, e abraçar o que nos é dado, com resignação. De fato, Deus escreve certo por linhas tortas.

A simplicidade é uma dádiva que o caminho nos ensina. Viver com menos é muito mais. Mas a acolhida foi a maior prova ou lição que eu vivenciei no Caminho.



### **Dicas para o peregrino**

Fazer o caminho de Santiago de Compostela não é tão difícil ou complicado. Há vários caminhos para se chegar em Santiago de Compostela, diversas rotas, sendo que a mais famosa é a rota francesa, partindo de San Jean Pied Port, a que escolhi. É a segunda maior rota, em torno de 800 km. No início você se depara com os Pirineus, uma cadeia de montanhas que separa a França da Espanha. O caminho além de muito bonito é bastante sinalizado e com uma boa infraestrutura de albergues, restaurantes, etc

Existem ainda outras rotas famosas como o caminho Português, que também é bastante procurado, com cerca de 200 km, partindo da cidade do Porto; o Aragonês, 970 km, partindo de Samport; a Via de la Plata, saindo de Sevilha; o caminho Primitivo, que parte de Oviedo; e o Caminho do Norte, que sai de Urquera, norte da Espanha. Seja qual for o caminho escolhido para se chegar em Santiago de Compostela, programe-se com antecedência. Procure um mês para viajar que não seja tão frio, nem tão quente. Os meses entre maio e outubro são os mais indicados.

Para chegar em Saint Jean Pied Port, uma pequena cidade ao sul da França, escolhi começar por Madrid, mas poderia ter ido por Paris e de lá pegar um trem até um povoado próximo de Saint Jean, chamado Biarritz, e tomar outro trem até Saint Jean, ou, ainda, poderia ter ido direto para Pamplona de avião e de lá pegar um ônibus para Saint Jean. Outra opção seria ir para Londres e pegar um avião direto para Biarritz.

Nós começamos nosso caminho um ano antes, quando decidimos fazê-lo. O trajeto foi um voo Recife - Rio de Janeiro - Madrid. De Madrid pegamos um trem até Pamplona e um ônibus até Saint Jean. Também tem táxis ou vans que levam de Pamplona para Saint Jean.

Escolha previamente como vai ser sua trilha, de bicicleta ou a pé, ou ainda a cavalo. De bicicleta, saiba que não poderá percorrer toda a trilha. Geralmente a bicicleta anda pelo asfalto ou outra trilha mais adequada. Mas quem gosta de bike, sabe o prazer de pedalar e também por levar menos dias para concluir o caminho. Praticamente metade do tempo. No entanto, a logística de bicicleta é outra. Existem algumas empresas que fazem o transporte de sua bicicleta até o primeiro albergue que você vai ficar. Você tem ainda a opção de transportá-la no avião até o seu destino. Existem passagens de trem que permitem o transporte de sua “bike”. E ainda tem no caminho uma rede de albergues direcionados para quem faz o caminho de bicicleta, porque nos albergues convencionais, a prioridade é o peregrino.

Procure levar um mapa com as dicas de cada percurso. Indico o Michelin, um livreto com mapas, dicas de altitude, distância, estrutura de cada cidade, etc.

Não leve muita coisa na sua bagagem. Não precisamos de muita coisa para viver. Pense nisso como uma mudança de vida. Três mudas de roupa são suficientes. Há em todos os albergues lugar para lavar sua roupa ou máquinas de lavar e secar. Meias, recomendo 3 a 4 pares e 3 roupas íntimas para trocar.

O saco de dormir é fundamental para forrar sua cama. Nos albergues sempre nos dão um lençol para forrar, mas o saco de dormir será sua coberta.

Leve também uma toalha pequena. Eu levei uma fralda de bebê, mas existem toalhas bem absorventes e leves que não fazem tanto volume, que também são indicadas. Uma amiga levou um pano de limpeza bem absorvente como toalha.

O sapato é peça fundamental. Um ano antes comece a amaciar sua bota. Tênis também são indicados, mas a bota protege mais seu pé de uma topada, de uma entorse e das pedras do caminho. Compre sempre um número maior que o seu.

Leve curativos, antisséptico, e micropore. Serão muito usados. Leve também uma linha e agulhas, para furar bolhas. Pode ser que você precise. Remédios para dor também é aconselhável, além dos remédios que você costuma usar.

Alguns peregrinos andam com um cantil. Acho desnecessário. Você poderá comprar uma garrafa d'água para levar no caminho e ir enchendo com água das bicas à medida que precisar. Bebemos pouco da água da bica por pura falta de costume. As bicas, que são muitas durante o caminho, costumam indicar se é ou não potável. Mas compramos sempre nossa água. Fica a seu critério.

A mochila deve ter no máximo 7 kg, e não economize nela. Uma boa mochila fará toda diferença. Não se esqueça de colocar seus pertences de banho, cremes para os pés, etc. Mas tudo isso você encontra por lá nas farmácias e supermercados. O ideal são frascos pequenos para não pesar na mochila.

Não despachamos nossa bagagem. Levamos cada um uma mochila com nossos pertences e sem objetos cortantes para que não precisássemos despachar. Na volta despachamos nosso cajado, que também foi comprado por lá.

Cajados ou sticks são fundamentais para auxiliar nas subidas e descidas. Não os dispense.

Mesmo no verão, Na região da Galícia chove. Portanto, leve uma capa de chuva. A melhor é a camelo, que você pode vestir junto com sua mochila e é bastante leve.

Não esqueça do protetor solar e o labial. O sol ou o frio castigam muito nossa pele. E um chapéu que cubra o pescoço também é muito útil.

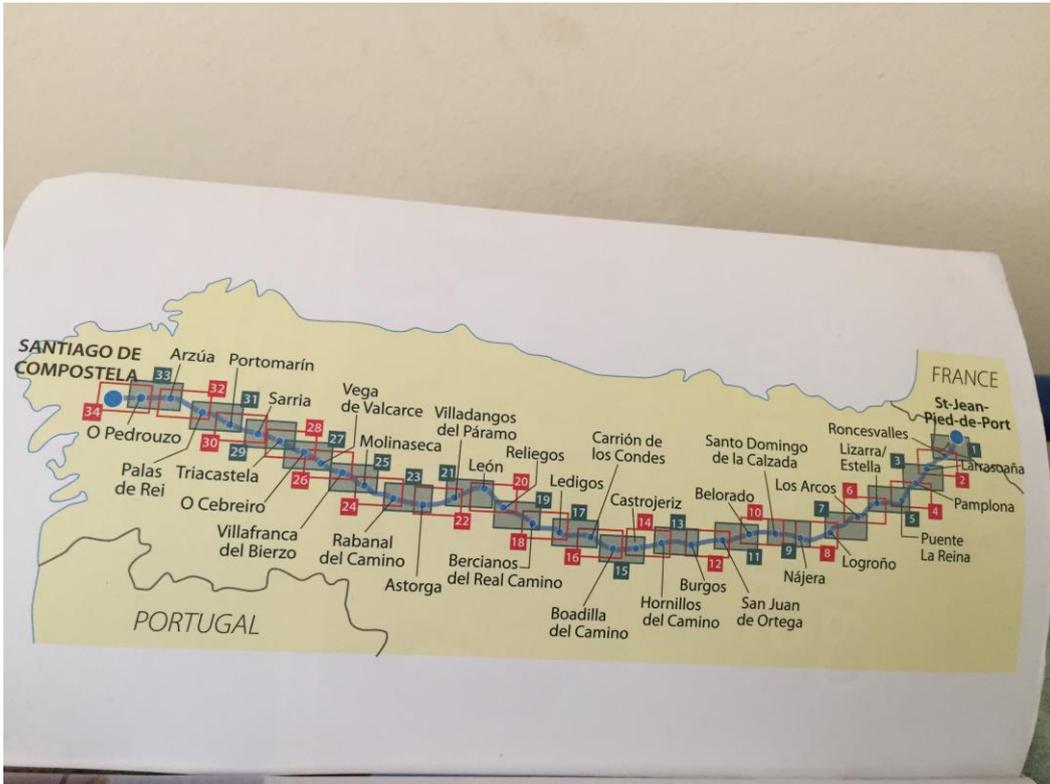
Nos albergues você vai encontrar muitas máquinas vendendo lanches, como sanduíches, bebidas, biscoitos e até frutas, mas o melhor é ir num supermercado e fazer suas compras. Algumas pessoas cozinham nos albergues, que possuem toda estrutura. Fica a critério de cada um. Nós sempre comprávamos nos supermercados, nosso café da manhã, porque saíamos muito cedo e ainda não tinha nada aberto para comer. E também comprávamos no dia anterior nosso lanche para a caminhada. Geralmente frutas, pães, queijos, presuntos, sucos ou leite. Nem sempre o trecho que você vai fazer terá estrutura para comer. Por isso é sempre bom verificar no mapa (Michelin) o que você vai encontrar no trecho a ser percorrido.

Tem albergues muito grandes e às vezes um único na cidade, comportando muitas pessoas. Tenha paciência porque os banheiros são poucos, mas pelo que nós vivemos, todos têm cuidado em deixar o banheiro em bom estado de uso para o próximo que vier. Geralmente quando chegávamos, descansávamos até que todos ou quase todos tivessem tomado banho, para calmamente tomar nosso banho e comer ou sair pela cidade.

O peregrino não deve ter pressa, ou ficar preocupado em chegar primeiro que os demais peregrinos nos albergues. Saindo até as 8 da manhã dará tempo de você chegar bem na próxima cidade. No verão é aconselhável sair até às 7 ou 6:30 porque o sol castiga bastante.

Por fim, curta sua viagem, tenha fé e esteja aberto para conhecer pessoas diferentes, de todas as partes do mundo, culturas diferentes, novas experiências, novas paisagens, histórias e tudo de bom que uma viagem pode proporcionar; e melhor, com total liberdade de bagagem, de aparência e de todos os imperativos que a sociedade nos impõe.

Este é um caminho para exercitar o despojamento, a simplicidade, a acolhida e o amor ao próximo. Seja feliz!



Mapa do Caminho Francês



Flores do Caminho



Maio/2016

FIM